



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, RECONVERSÕES URBANAS E PRÁTICAS
COLETIVAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO**

Tiago Castaño Moraes ¹

Resumo: O artigo propõe uma relação entre as propostas de reuso da antiga Cervejaria Antártica em Joinville (adquirida pela prefeitura municipal em 2001) e as práticas de reconversão de espaços públicos como alternativa para reabilitações urbanas. Pensada como um polo cultural para a cidade e com diferentes intenções de uso, tanto o processo de patrimonialização da fábrica quanto a forma como foi estabelecida as ações de reuso do seu espaço norteiam as problematizações deste estudo, que levou em conta os diferentes agentes sociais envolvidos nessas reapropriações. Uma aproximação entre a História do Tempo Presente e os teóricos do Urbanismo e da Antropologia Urbana aparece no estudo como tentativa de enriquecer as reflexões e situar conceitos e práticas atuais, relacionadas ao uso do espaço público.

Palavras-chave: História do Tempo Presente, patrimônio industrial, requalificação urbana, ocupação, Joinville/SC.

INTRODUÇÃO

O passado, o presente, o possível não se separam.
(Henri Lefebvre, 1968)

Em fins da década de 1960, Henri Lefebvre escreveu o livro *Direito à Cidade*, sob o impacto dos movimentos de contestação do período, enfatizando a necessidade de se romper com “estratégias urbanas” ligadas às ideologias dominantes da época; era uma crítica à ênfase homogeneizante e segregadora do espaço urbano característica do urbanismo moderno.

O autor defendia que com novas abordagens – e, sobretudo, através das práticas sociais – o urbanismo, enquanto campo de conhecimento poderia ser ferramenta de

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade de Santa Catarina (UDESC), Conservador no Cemitério dos Imigrantes de Joinville, email: tiagocastano1@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



transformação e interferência na problemática vida urbana, promovendo o valor de uso da cidade em contraposição ao valor de troca, cada vez mais absoluto.

Desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XXI, os estudos das cidades vêm questionando a organização e o uso do espaço público, a maneira como é projetado, construído ou reapropriado. Mas é com o avanço de políticas neoliberais e o desenfreado processo de privatização de áreas públicas que algumas abordagens tentam investigar o papel da coletividade nos usos (e contra-usos) dos espaços urbanos.

Propomos assim, investigar os projetos de reuso da Cidadela Cultural Antártica em Joinville, confrontando-os às ideias de usos dos espaços públicos da cidade, à prática conhecida como requalificação urbana e à preservação do patrimônio industrial.

REQUALIFICAÇÃO E PRESERVAÇÃO: AS PROPOSTAS DE REUSO DA ANTIGA CERVEJARIA ANTÁRTICA

Instrumento capaz de criar nova dinâmica no território da cidade, a requalificação urbana propõe uma reorganização e melhorias do espaço público através do incentivo a novos empreendimentos com apoio e, em partes, para benefício da iniciativa privada, uma vez que por trás de interesses públicos, (como construção de novas vias, embelezamento de áreas, arborização, construção de praças, etc.) existem nessas ações, objetivos de valorização monetária das áreas. Ao mesmo tempo as requalificações também almejam “resgatar” elementos simbólicos da arquitetura ou de centros históricos, como afirmação de uma identidade da cidade; mas, apesar do apelo social e de promoção do espaço público, nem sempre as comunidades são consultadas para idealização desses projetos (PEIXOTO, 2009, p. 42, 45).

E foi com intuito de afirmar uma identidade local que o prefeito de Joinville, Luiz Henrique da Silveira, em 2001, decidiu comprar a antiga Cervejaria Antártica da cidade. Construída nos anos de 1920, a edificação abrigou em 1925 a “Cervejaria Catharinense S/A”, que durante a década de 1940 foi adquirida pela “Cia Antártica Paulista” e esteve em funcionamento até 1998. As ações do poder público municipal, naquele momento, estavam voltadas para valorização histórica, artística e cultural, coincidindo com as comemorações dos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



150 anos de Joinville, completados em 2001. Houve, nesse período, um apelo ao patrimônio histórico da cidade, à memória do imigrante, ao potencial cultural dos joinvilenses.

Partindo dos conceitos de Lefebvre sobre urbanismo como prática social e a cidade como um direito, David Harvey remete à população urbana “a liberdade de construir e reconstruir a cidade” (HARVEY, 2012, p. 74). Assim, as representações de um determinado espaço podem ocorrer de diferentes maneiras: “familiaridade”, “monumentalidade”, “espaços [...] de ritual”, “discursos’ artísticos e arquitetônicos”. Essas quatro possibilidades de “práticas espaciais” (propostas por Harvey) se aproximam das chamadas reapropriações culturais da cidade e envolvem geralmente revitalizações de centros históricos, eleições de patrimônios culturais ou definição de lugares de memória. (HARVEY, 2008, p.193).

Os diferentes movimentos que referenciam: a memória de determinado grupo; o sentido de um acontecimento passado; ou a preservação de uma edificação, lugar ou modo de vida tradicional; se inserem em um fenômeno nostálgico que Pierre Nora (2009, p. 6-8) chamou de “onda de recordação”. Sua emergência estaria relacionada com as rápidas transformações que abalam as sociedades contemporâneas e a “democratização” das memórias de grupos historicamente apagadas. Andreas Huyssen chega a se referir à onda memorial como um “surto de expansão da memória”, ligado à “confiança decrescente no futuro nas sociedades ocidentais” (HUYSSSEN, 2014, p. 140).

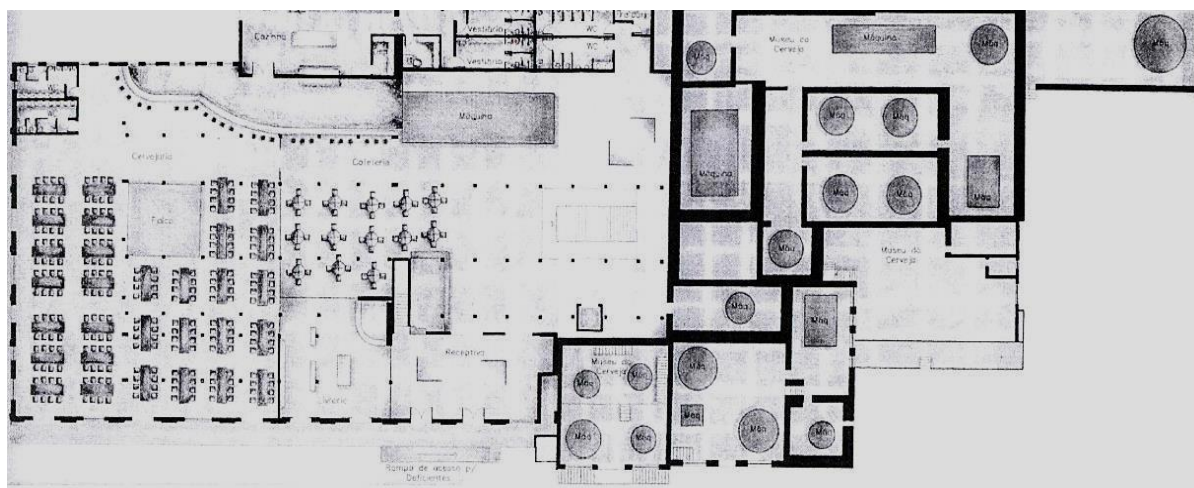
Mesmo com diferentes intenções, tanto a patrimonialização da Cervejaria, que teve seu processo de tombamento aberto em 2006, quanto as propostas para sua reabilitação, que consideravam sua estrutura como um equipamento urbano com variadas perspectivas de usos culturais, demonstram os conflitos entre demandas atuais de uso do espaço público e as políticas de preservação do patrimônio cultural.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Figura 01: Planta do piso térreo da fábrica, mostrando as salas expositivas do futuro museu da cerveja, no projeto de ocupação de 2001, do IPPUJ, com indicações das máquinas remanescentes.



Fonte: Processo de tombamento n. FCJ-CPC-2006-001, Joinville. 2006, Anexos.

Ao mesmo tempo em que os complexos fabris oferecem amplas possibilidades de reusos e readaptações, a preservação desses espaços pode ser alcançada seja pela musealização (museus industriais ou não) ou até mesmo outros empreendimentos que fogem dos usos culturais, mas mantêm áreas e estruturas originais da construção. Entretanto, na maioria dos casos em que essas intervenções abrangem áreas industriais, as edificações são preteridas em função do terreno que habitam.

O interesse pela memória industrial e pelos elementos fabris foi impulsionado na Inglaterra após a década de 1950, tanto pela destruição causada pela Segunda Guerra Mundial quanto pela influência de diferentes correntes sociológicas, antropológicas e, sobretudo, por correntes historiográficas que expandiram seus temas de pesquisa para áreas científicas, econômicas e sociais, abrangendo a dinâmica de classes, movimentos trabalhistas e as constantes transformações técnicas, frutos da mecanização. Mas o fenômeno de desindustrialização e as rápidas transformações urbanas durante a década de 1970, alterou o valor dos vestígios da industrialização em outros países europeus.

Uma vez ultrapassados ou em desuso, muitos exemplares característicos da arquitetura industrial inglesa foram demolidos em função da dinâmica urbana e suas diferentes demandas sobre a ocupação espacial das cidades que se caracterizaram como



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



centros industriais. Essas demolições, ocorridas a partir da década de 1960, despertaram maior interesse pelo estudo e preservação de patrimônios industriais. Em um movimento mais amplo, as noções de patrimônio urbano e, posteriormente, de patrimônio industrial, seriam melhor estruturadas nas Cartas patrimoniais, entre as décadas de 1960 e 1980.

Um cenário internacional: de alargamento do conceito de patrimônio; do processo de globalização cultural e econômica; de uma maior importância às memórias das pessoas, das cidades, e em geral, de um tempo passado; atingiu também o Brasil. O país viu a sua política de preservação patrimonial em âmbito federal assumir diferentes posições a partir de fins da década de 1970, e seguindo um curso global, manifestou interesse por seu passado industrial.

Muitos dos complexos fabris que ocuparam áreas centrais de cidades brasileiras inseridas num processo de industrialização entre fins do século XIX e início do século XX, tiveram suas produções deslocadas para outros distritos e regiões, visando melhor custo benefício – proximidade com rodovias, vias de acesso e menores custos fundiários. Uma vez obsoletas e marginalizadas, esses complexos industriais chamam a atenção de investidores para novos empreendimentos, uma vez que possuem amplos terrenos em áreas valorizadas.

Manoela Rufinoni, em seu estudo sobre a realização da *Operação Urbana Diagonal Sul²* em São Paulo, demonstrou que o patrimônio industrial (representado por complexos industriais abandonados ou degradados da região) geralmente está em segundo plano nos projetos de reuso desses espaços³. A alteração de grande parte das estruturas industriais visa geralmente valorizar o novo empreendimento, enquanto o apelo à preservação de estruturas isoladas (“chaminés ou um equipamento ‘curioso’”) pode acabar se apresentando de maneira deslocada, descontextualizada, secundária (RUFINONI, 2009, p. 212, 213).

No caso da Cervejaria, todo o espaço da fábrica (a ala principal e os demais galpões), compõem a chamada Cidadela Cultural Antártica, foi reconhecido oficialmente como patrimônio histórico paisagístico e arquitetônico de Joinville, através de seu tombamento em

² Operações urbanas consorciadas são projetos que propõem investimentos em infraestrutura (vias de transporte, habitações), “otimização” e “reciclagem de áreas”, propôs também a “garantia de preservação dos imóveis e espaços urbanos de especial valor histórico, cultural, arquitetônico, paisagístico e ambiental, protegidos por tombamento ou lei” (SMDU, 2010, p. 9, 10).

³ No Brasil, desde 2001 o Estatuto das Cidades prevê que as operações urbanas representam importante instrumento para transformações estruturais nas cidades a partir de ações conjuntas coordenadas pelo poder público e podem envolver “moradores”, “usuários”, “proprietários” e “investidores privados” (BRASIL, 2001).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



nível municipal em 2010. Como bem público, esteve livre das pressões imobiliárias mas encontrou outras dificuldades para sua preservação.

Com o início do processo de reconversão, a ala principal da Cervejaria abrigou em 2002 e 2003 as exposições da 31ª e 32ª Coletiva de Artistas de Joinville organizadas pelo MAJ. E no ano de 2006, a edificação principal foi cedida ao Instituto (privado) Luiz Henrique Schwanke - ILHS, para criação do Museu de Arte Contemporânea - MAC (FCJ, 2006, p. 63). A criação do museu não se concretizou e o espaço foi devolvido ao poder público em 2016. Por outro lado, o período de concessão impediu que outros grupos fizessem uso daquele espaço.

Entre 2001 e 2019, com exceção da área central da fábrica que esteve fechada por quase todo esse período, outros galpões foram utilizados tanto por órgãos públicos quanto por entidades privadas. Duas parcerias se mostraram eficientes: foi o caso da Associação dos Artistas Plásticos de Joinville – AAPLAJ (instalada Cidadela Cultural Antártica no ano 2000) e da Associação Joinvilense de Teatro – AJOTE (instalada em 2001). Essas duas associações conseguiram ocupar e manter seus galpões dentro da Cidadela por duas décadas, com atendimento ao público, exposições e apresentações. O audiovisual foi contemplado com o projeto Ciclos de Cinema, que teve início em meados de 2001 na sala do antigo refeitório da Cervejaria. Apesar de haver planos para criação de uma Cinemateca no local com apoio do Ministério da Cultura (A NOTÍCIA, 14 nov. 2001, p. 6), o projeto não se concretizou e em 2010 as exposições passaram a acontecer na sala de projeção do MASJ. Além de dois galpões para exposições concedidos ao MAJ em 2001 (Anexo 1 e 2 da Cidadela), entre 2011 e 2015, a sala antes destinada ao Ciclo de Cinema sediou o MAJ enquanto a casa sede do museu passava por restauração no outro lado da rua. Um empreendimento interessante que obteve apoio da embaixada suíça foi a instalação da primeira Escola de Panificação Suíça do Brasil nas antigas salas de pintura, marcenaria e depósito da Cervejaria. Ligada à Fundação Municipal Albano Schmidt (FUNDAMAS), a escola oferecia curso de profissionalização e especialização na produção de pães e doces. A Escola foi desativada em 2008, após os deslizamentos de terra ocorridos nos fundos da fábrica, que atingiram diretamente as salas utilizadas. Alguns órgãos municipais também ocuparam parte da Cidadela Cultural entre 2001 e 2019, como, por exemplo, a extinta CONURB, o Instituto de Trânsito e Transporte de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Joinville (ITTRAN), depois substituído pelo Departamento de Trânsito de Joinville (DETRANS), a Defesa Civil e recentemente a SEPROT (Secretaria de Proteção Civil e Segurança Pública). Foi justamente esse tipo de reuso, de órgão sem nenhuma relação com as práticas culturais, que por diversas vezes gerou críticas por parte da classe artística da cidade.

Diferente do que, de fato, aconteceu em que a estrutura foi vista como mera casca para diferentes empreendimentos culturais e artísticos, imagens do projeto inicial de ocupação do IPPUJ de 2001 demonstram as disposições para o uso da fábrica, também, como Museu da Cerveja, indicando a presença do maquinário em seus espaços originais e propondo um roteiro de visita pela fábrica e pelos antigos espaços de produção.

Mesmo que a materialização, em alguns momentos, de uma parcela dos planos de uso para o espaço tenha concedido à Cidadela uma demonstração de suas capacidades produtivas ligadas à arte, à cultura e ao lazer, de acordo com seus planos de reconversão, o esvaziamento quase total do complexo iniciado em 2019 selou os 20 anos de projetos e expectativas. Atualmente em desuso a Cidadela Cultural Antártica é um indício não só do declínio nas políticas voltadas para a área cultural na cidade, mas também da carência de espaços públicos de lazer em Joinville. Como se não bastasse seu esvaziamento, em 19 de março de 2021, um incêndio em uma parte da estrutura principal da cervejaria, incinerou seu antigo arquivo que por décadas esteve esquecido no interior da fábrica, a perda que isso significa para história do trabalho e da industrialização na cidade nem pode ser mensurada.

OCUPA CIDADELA

Em muitos casos, os planos de requalificação urbana podem estar travestidos de melhorias sociais e reabilitação do espaço público, enquanto interesses privados delineiam o processo. E a palavra *gentrification* passou a ser usada justamente para nomear o processo de enobrecimento de uma determinada área, principalmente quando o interesse econômico voltado à exploração mercantil e lucrativa para determinados grupos suplanta outras iniciativas. O estudo de Rogério Leite sobre o bairro Recife Antigo mostra o apelo à preservação do patrimônio histórico, formado pelo antigo traçado urbano do povoado com suas “ruas estreitas e curvas”, inserido na “ideia de intervenção urbana” como empreendimento que promove a espetacularização do espaço público e “faz do patrimônio um



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



segmento do mercado” (LEITE, 2002, p. 117, 118). Mas o autor mostra também um movimento contrário; o chamado contra-uso, que fez da *Rua da Moeda* um polo da cultura underground, justamente por aquele espaço não ter passado pela revitalização, mantendo assim “edificações deterioradas, iluminação precária, fachadas sem pinturas novas” (LEITE, 2002, p. 123).

Os argumentos expõem a complexa rede de sentidos e sentimentos que podem ser acionados em movimentos de ressignificação de espaços públicos. O condicionamento dos usos e de práticas sociais é elemento central nas propostas de revitalização urbana. Se, por um lado, o conteúdo simbólico é incorporado nos processos de gentrificação para subverter usos tradicionais e definir novas fronteiras espaciais entre áreas, ele é responsável, também, pela permanência de lugares que resistem ao enobrecimento.

Entre as formas de subversão de uso do espaço público está a prática coletiva de sua apropriação, através dos movimentos conhecidos como *Ocupe*. Esse fenômeno, que se tornou global e sinônimo de determinados movimentos sociais, pode ter motivações diferentes de uma ocupação para outra, mas sempre representam uma relação entre os lugares e os elementos culturais, históricos e psicológicos que compõem o modo de vida de um determinado lugar. Em 2016, o *Ocupa Diversidade* levou uma tarde de atividades e militância LGBT ao pátio da Cidadela Cultural Antártica, com variadas apresentações de música, teatro e poesia. A intenção não era apenas promover a ocupação sob a bandeira da diversidade, “nos mais diversos espaços da sociedade” (NOTÍCIAS DO DIA, 11 nov. 2016); possuía também um apelo simbólico de apropriação cultural e artística do espaço que permanecia refém de políticas culturais irrealizáveis.

Dois anos antes, ocorreu o 1º movimento *Ocupa Cidadela*, e de acordo com a reportagem além de proporcionar momentos de lazer e “expressão artística” com uma programação com mais de 24 horas, o movimento era “uma forma de chamar a atenção da população e da administração municipal para o futuro do espaço da Cidadela Cultural Antártica”. Foi uma tentativa de colocar em pauta a questão dos reusos da cidadela – enquanto espaço público –, reunindo diferentes movimentos sociais (como o LGBT) e artísticos da cidade (grupos de dança, música, teatro, circo). O *Ocupa Cidadela* também foi um desdobramento das atividades do grupo de trabalho “Cidadela em Pauta”, sobre a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



requalificação da Cidadela, que contou com: denúncias sobre o estado precário da edificação principal da fábrica; a pesquisa popular sobre seus reusos; e a defesa do cumprimento do Plano Municipal de Cultura, que destinava à Cidadela um uso totalmente cultural.

Segundo um dos organizadores, Eduardo Baumann (integrante do grupo que luta pelo cumprimento do Plano Municipal de Cultura), a idealização de um movimento “horizontal” e “coletivo” nas tomadas de decisão, estava dentro dos objetivos de fomentar o debate sobre o papel de ferramenta cultural da Cidadela e incentivar a participação popular na consulta pública (que esteve disponível na internet em 2014) sobre usos do espaço da Cidadela (NOTÍCIAS DO DIA, 18 out. 2014). Em outra reportagem, veiculada no mesmo dia, Eduardo Baumann, declarou a intenção de “trazer o olhar da cidade para dentro dessa questão, e também grupos que se apresentaram lá. Estamos levando Joinville a conhecer a Cidadela” (A NOTÍCIA, 18 out. 2014).

A reivindicação do espaço da cidadela pela cena cultural e artística da cidade durou dois dias de programação, com apresentações musicais, circenses e teatrais, exposições e intervenções, e deixou seus organizadores satisfeitos; acreditavam, naquele momento, ser possível alterar os rumos de negligência para com a conservação do patrimônio e do espaço público que ela representa. Esse movimento reverbera as palavras de Lefebvre, quando defendeu que os conflitos na cidade deveriam atravessar as “classes” e “grupos” susceptíveis às “iniciativas revolucionárias”. E, não apenas a “ciência da cidade”, mas também a arte seria capaz de trazer “para a realização da sociedade urbana sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição”; manifestações artísticas e seus questionamentos poderiam, portanto, ser uma ferramenta para “a ação realizadora” (LEFEBVRE, 2008, p. 113, 116).

Pode-se, considerar que o cunho artístico e cultural dos movimentos de ocupação ocorridos na Cidadela é face de um fenômeno iniciado ainda no limiar da segunda década do século XXI, como resistência popular no Egito, posteriormente em Wall Street e em muitos outros lugares. Sobre as táticas do *Occupy Wall Street*, David Harvey diria:

consistem em ocupar um espaço público central, como um parque ou uma praça, perto dos quais se concentram muitas das alavancas do poder e, ao colocar corpos humanos nesse lugar, transformar o espaço público em [espaços] comuns políticos - um lugar para debates e discussões abertas sobre o que esse poder está fazendo e qual seria a melhor maneira de se opor a ele [...] (HARVEY, 2014, p. 280, 281).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Diferente do movimento nova iorquino, que possuía diretamente a intenção de questionar o poder de decisão dos grandes conglomerados financeiros, o *Ocupa Cidadela* demonstrou a vontade de trazer o lugar para o debate. Pleitear o espaço cultural da Cidadela era remeter ao seu plano cultural de reuso; mas a ferramenta para mobilização é a mesma, e se dá através do “poder coletivo dos corpos no espaço público” (HARVEY, 2014, p. 281).

CONCLUSÕES

A evacuação dos espaços da Cidadela Cultural Antarctica a partir de 2019, demonstrou que um abundante e fértil debate sobre as possíveis reutilizações do espaço fabril, iniciado em 2001, foi incapaz de oferecer justamente o que desejava: a criação de um complexo cultural que proporcionasse lazer, manifestações culturais e a salvaguarda da edificação fabril.

Os exemplos dos *Ocupas* que se associam às exigências do “direito à cidade” de Lefebvre (2008, p. 117, 139), quando se apropria dos “locais de encontro e de trocas”, propondo “a realização da vida urbana como reino de uso”, evidenciam diferentes estratégias para reclamar demandas, afirmando a reivindicação do espaço público, da vida urbana, do “coração da cidade”.

Por outro lado, no âmbito do regime de historicidade presentista, as reapropriações do espaço público e os movimentos recentes de ocupação de áreas urbanas podem significar novas estratégias de lutas em uma sociedade cada vez mais fragmentada, atingida pela valorização do efêmero e pela privatização cada vez maior dos espaços públicos. Assim, as análises dessas experiências de usos e ocupações ocorridas nas duas décadas de implementação da Cidadela Cultural Antarctica trazem, entre outras consequências, possibilidades e aplicabilidades de diferentes práticas para legitimar reivindicações sociais e culturais – mesmo que de maneira precária e passageira.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 10.257/2001** que estabelece diretrizes gerais da política urbana (Estatuto da Cidade). Brasília. 2001.

CICLOS de cinema entram em recesso. **A Notícia**, Joinville, Anexo, 14 nov. 2001, p. 6.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE (FCJ). Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC). **Processo de Tombamento Municipal FCJ.CPC.2006- 001**: Rua XV de Novembro, nº 1383. Joinville, v.1, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 17º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p.73-89. jul./dez. 2012.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**: Problemas Teóricos de Restauro. Cotia, Ateliê FAPESP, 2009.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. 5º ed. São Paulo: Moraes, 2008.

LEITE, R. Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. v.17, nº 49, p.115-172. 2002

MOVIMENTO em protesto à decadência da Cidadela Cultural Antártica acontece neste final de semana em Joinville. **A Notícia**, Joinville, 18 out. 2014.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania (Trad. Claudia Storino). **Musas** – Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, n. 4, p. 06-10, 2009.

OCUPA Cidadela terá uma programação com mais de 24h de atrações culturais em Joinville. **Notícias do Dia**. 18 out. 2014.

OCUPA Diversidade reúne dezenas de pessoas na Cidadela Cultural Antártica em Joinville. **Notícias do Dia**, Joinville, 11 nov. 2016.

PEIXOTO, Paulo. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (org.). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2009. p. 41-52.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. **Preservação e restauro urbano**: teoria e prática de intervenção em sítios industriais de interesse cultural. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.